

Em um mundo em que tudo passa tão rápido, um pai apaixonado, no Dia dos Pais, homenageou a filha com um acervo de crônicas reais. Zé Hevaldo acredita que, no futuro, essa obra será uma grande lembrança para a pequena

# Para minha filha!

POR EDUARDO FERNANDES

**E**ternizar. Guardar na gaveta do tempo um momento que passou. Mais que isso, celebrar o incomensurável limite do amor por meio das palavras, que, descritas da melhor maneira, exemplificam como é sentir em um mundo tão fugaz. Quando se ama, essa sensação fica ainda mais viva. Quando se é pai de menina, assistir à existência da filha é uma dádiva.

Arte e amor, a união de dois elementos que, juntos, possibilitam a materialização do efêmero em algo que pode ser eterno. Ainda que passe, permanecerá para sempre em pinturas, quadros e poesias. Partindo desse princípio, Zé Hevaldo

Mendes, 45 anos, decidiu escrever um livro sobre crônicas paternas. O título, *Um pai para falar de amor*, ilustra o quanto sente prazer e orgulho em tudo o que tem construído.

A filha única, Marina Mendes, 9 anos, é o xodó. Tantas brincadeiras, carinhos e trocas. Os dois, além de tudo, são grandes amigos. No décimo Dia dos Pais, Zé concretizou o sonho de homenagear a pequena com crônicas baseadas em experiências reais. Mas, antes de todo esse alvoroço que é publicar uma obra para a pessoa mais especial de sua vida, é justo contar os passos que fizeram do publicitário um pai tão presente e apaixonado.

“Sempre gostei de brincar, criar histórias para minha sobrinha, para os filhos de amigos

e cresci com todo mundo dizendo que eu seria um bom pai. A paternidade, para mim, chegou somente aos 35 anos. Nessa idade, alguns homens já estão até no segundo filho. Mas é interessante perceber que nessa minha geração muitos homens já desempenham a paternidade de forma mais ativa, bem diferente do jeito que nossos pais nos criaram”, acredita Zé.

Na época do pai, que era super presente, ele acredita que todos os esforços — ao menos a maioria deles — estavam voltados para a educação, com o objetivo de não permitir que nada faltasse em casa. Brincar, dar banho, trocar fraldas, perder noites de sono voluntariamente era uma atribuição da mãe, que também trabalhava em turno integral. Hoje, porém, há pais mais dedicados em entender e compreender o universo dos filhos, ainda que pareçam raros.